

LEANDRO STOLIAR

DOSSIÊ VENEZUELA

Na trilha da caixa-preta do BNDES,
dois jornalistas presos pela ditadura
de Nicolás Maduro revelam
a história por trás das câmeras



LEANDRO STOLIAR

**DOSSIÊ
VENEZUELA**

maquinaria
EDITORIAL



SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
O SUSTO	19
A TUMBA	29
OS JORNALISTAS BRASILEIROS DE GASTRONOMIA	45
A CRISE NA VENEZUELA	59
PELAS RUAS DE CARACAS	71
POR TRÁS DAS LAGOSTAS	85
A ENTREVISTA	95
A PONTE INVISÍVEL	109
MEMÓRIAS DO CÁRCERE	123
O PREÇO DA LIBERDADE	137
A FALSA LIBERDADE	149
A VIDA POR UM FIO	165
EPÍLOGO	183

Toda boa reportagem precisa ter um ingrediente imprescindível: emoção – seja ela apresentada no rádio, na TV ou mesmo em um livro. Se essa é sua expectativa para *Dossiê Venezuela*, ele é um prato cheio, do primeiro ao último capítulo. Mais que o depoimento do instinto de um repórter, o livro é uma aula de bom jornalismo, que contextualiza o flagelo da população vítima da revolução bolivariana.

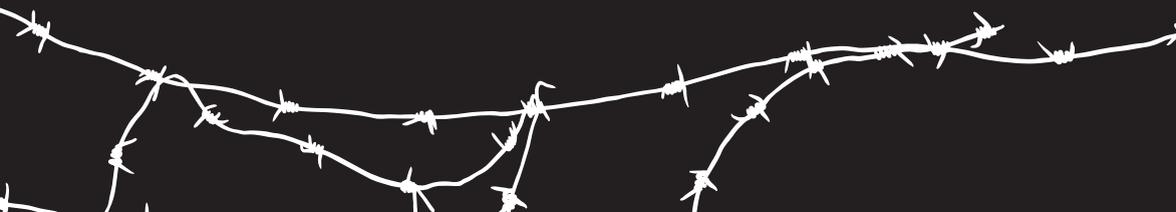
CELSO FREITAS,
jornalista e apresentador

Ditadores não suportam jornalistas, independentemente das orientações ideológicas. Mas, como a missão de todo jornalista é publicar o que alguém quer esconder, Leandro Stoliar e Gilson Fredy viveram uma jornada eletrizante atrás de respostas. Um documento para futuras gerações.

THIAGO CONTREIRA,
jornalista e diretor de jornalismo da Record TV

A reportagem é a arte de contar uma história da vida real. Leandro Stoliar se entrega a essa missão. O ofício que lhe é dado faz parte do DNA de quem atua no jornalismo por vocação. Ir à Venezuela em um momento como aquele e se comprometer com a notícia sabendo de todos os riscos, mesmo na prisão, mostra que seu pensamento era um só: o compromisso com o público.

REINALDO GOTTINO,
jornalista e apresentador de TV





Em *Dossiê Venezuela*, Leandro Stoliar conduz o leitor pelos labirintos de uma história que parece ter saltado das páginas de um conto de Agatha Christie. Através de uma narrativa romanesca, ágil e tensa, despojada de adereços ou penduricalhos verbais, o leitor se vê envolvido em uma trama de suspense. O autor abarca em seu texto os tropeços, medos e ameaças de uma reportagem investigativa sobre empreiteiras brasileiras que pagavam propina a servidores venezuelanos. Stoliar fez um trabalho com extraordinária competência e talento.

DOMINGOS MEIRELLES,

jornalista e autor de As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes e 1930: os órfãos da Revolução



DEDICO CADA LINHA DESTA OBRA ao amigo e jornalista Octavio Tostes, pessoa admirável e profissional exemplar com quem tive a honra de trabalhar na redação do *Jornal da Record*. Tostes faleceu enquanto editava o décimo capítulo deste livro, mas vai ficar para sempre em nossas lembranças.

PREFÁCIO

POR ROSANA TEIXEIRA

Coordenadora de séries especiais do Jornal da Record

UMA INVESTIGAÇÃO LEVOU DOIS JORNALISTAS brasileiros aos porões da ditadura na Venezuela – até então, o país mais perigoso da América Latina para uma equipe de reportagem. O caso ganhou repercussão mundial e mudou a minha vida e a dos meus colegas naquele fim de semana de fevereiro de 2017. E agora a história chega ao público neste emocionante livro, que relata de maneira nua e crua a experiência ameaçadora de passar trinta horas nas mãos da violenta polícia política bolivariana.

Meu amigo e parceiro de trabalho Leandro Stoliar me honrou com a missão de escrever algumas palavras sobre o *Dossiê Venezuela*. Mesmo estando no Brasil, a quilômetros de distância, vivi cada momento narrado neste livro-reportagem. Fui a produtora responsável pela viagem que terminou na prisão e na expulsão de Leandro e do repórter cinematográfico Gilson Fredy Souza. Também tive a difícil tarefa de tentar ajudá-los no penoso processo de libertação.

Antes de serem presos, Leandro e Gilson investigavam denúncias de desvios de dinheiro em obras de empreiteiras brasileiras no exterior que usavam recursos do BNDES (o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social do Brasil). Durante a produção das reportagens, fui atrás de cidadãos e organizações locais que pudessem nos ajudar com as gravações no país vizinho. Foi assim que encontrei a ONG Transparência Venezuela, uma organização civil apartidária, plural, sem filiação política e sem fins lucrativos, que faz um trabalho incansável e importante de cobrar clareza nas contas públicas e nas ações

do governo, a fim de tentar diminuir a corrupção no país. Além de nos abastecer com informações sobre o governo de Nicolás Maduro, a ONG ainda indicou dois profissionais de imprensa engajados na causa que conheciam os lugares aonde precisávamos ir, para nos apoiar na tarefa de encontrar as obras investigadas. Também por meio de conexões importantes, cheguei ao então deputado nacional venezuelano Juan Guaidó, um opositor que podia nos esclarecer sobre o gargalo do dinheiro brasileiro enviado para a Venezuela. Depois da nossa entrevista em um local escondido e muito vigiado, e como consequência do que aconteceu nos meses que sucederam a prisão dos jornalistas brasileiros, Guaidó se tornaria o primeiro presidente autoproclamado da Venezuela. Quando marcamos a entrevista, em 2017, ele era procurado pela polícia política por ser considerado um inimigo do governo.

Enquanto eu buscava conexões, informações e documentos no Brasil, Leandro e Gilson corriam atrás dos canteiros de obras, de imagens e de entrevistas para enriquecer a história em campo. Mas no sábado, o último dia de viagem da nossa equipe antes de voltar para casa e já no fim das gravações, veio a notícia. Uma mensagem pelo celular. Segundo Leandro, o carro em que viajavam havia sido cercado por vários veículos no meio da rua e havia um grupo de homens armados! Leandro disse ainda que ele e Gilson estavam sendo levados para algum lugar, mas não sabiam aonde. Assustada, respondi a mensagem imediatamente, mas não obtive retorno. Tentei ligar para entender

melhor a situação, mas não consegui falar. Perdemos o contato. Foi tudo muito rápido. Nunca tinha passado por uma situação tão desesperadora, em meus trinta anos de carreira, como a de acompanhar o que meus parceiros enfrentavam na Venezuela, principalmente por não saber o que poderia ocorrer. Começava naquele momento uma corrida contra o tempo para buscar uma solução que garantisse a saída deles de lá com segurança. Não foi uma tarefa fácil.

Um regime que despreza a democracia e os direitos humanos não vê com bons olhos o trabalho da imprensa. Naquele período, Brasil e Venezuela viviam um momento de tensão depois do impeachment da então presidente Dilma Rousseff. O governo Maduro não reconhecia as mudanças e não aceitava conversar com os diplomatas brasileiros no país. Corri para a redação da Record e passei o fim de semana atrás de ajuda. Foram muitas horas de angústia, centenas de ligações e pedidos que envolveram colegas da emissora em várias partes do Brasil. Enquanto Leandro e Gilson enfrentavam o terror da prisão, nós, na TV, passávamos a noite em claro, tomados pela preocupação com a falta de notícias, pelo medo do que poderia acontecer e pela esperança de que a divulgação do caso pudesse mobilizar as autoridades. O jornalismo era o nosso porto seguro. Da prisão até a expulsão do país, recebi poucas informações concretas sobre o que realmente acontecia com os dois enquanto estavam presos na Venezuela. Tive alguns poucos contatos através da ONG Transparência Venezuela e por jornalistas que acompanhavam

a situação por lá. A cada minuto sem informação, minha aflição aumentava. Não consegui comer nem dormir durante todo o período em que eles ficaram presos. Só me acalmei quando vi meus dois parceiros no desembarque do aeroporto de Guarulhos, com seus familiares, mais de trinta horas depois daquela mensagem que recebi pelo celular.

Mas o que havia acontecido de fato na Venezuela? Como foram os bastidores da prisão? Como estava a saúde mental dos meus colegas naquele momento? O que comeram? Onde dormiram? Onde foi parar o material da investigação? Será que haviam conseguido confirmar a denúncia? Eram muitas perguntas ainda sem resposta. Mas vê-los vivos pela televisão me trouxe um alívio que é difícil de explicar. Na luta para trazê-los de volta, contamos com o apoio dos consulados do Brasil na Venezuela e no Peru, com a mobilização de organizações e agências de notícias internacionais, de advogados dos direitos humanos, jornalistas e diretores da ONG Transparência Venezuela e, claro, de dois repórteres venezuelanos que foram libertados primeiro: Jesús e Maria. O casal que surgiu por acaso nessa aventura foi fundamental para que Leandro e Gilson saíssem vivos da prisão. Nunca pude conhecê-los pessoalmente, só por vários contatos telefônicos, mas sei o quanto Jesús e Maria foram importantes para a reportagem e para a libertação dos meus colegas. Personagens de uma história real que você vai conhecer a partir de agora nesta obra eletrizante. Boa leitura!

12 FEB. 2017

Handwritten signature

08 FEB. 2017

GENERAL AGENCIA DE ASESORIA Y SERVICIOS
GENERAL DE ASESORIA Y SERVICIOS
GENERAL DE ASESORIA Y SERVICIOS

SECCION ADMINISTRATIVA

103

DNM

20 SET. 2019

SALIDA

72

103

VISTOS VISA

CAPÍTULO 1

O GUSTO

QUANDO ENTRAMOS NA CAMINHONETE em direção ao hotel Intercontinental, o maior e mais luxuoso da cidade, foi como se seguissemos em direção a uma festa. Nossa alegria transbordava. Era uma manhã ensolarada de sábado, dia 11 de fevereiro de 2017, em Maracaibo, capital do estado de Zulia. O céu azul daquela região da Venezuela lembrava minha infância no Rio de Janeiro. Em fins de semana como aquele, costumava sair com meu irmão mais velho e meus pais da Tijuca, na zona norte do Rio, para aproveitar a piscina de um clube da Lagoa na zona sul da cidade. Talvez o calor ou, quem sabe, a brisa que vinha do lago de Maracaibo tenham me feito voltar mais de vinte anos no tempo. Por algumas horas me senti seguro, aliviado. Só passava pela cabeça que havíamos conseguido concluir uma investigação perigosa, num país hostil, sem nenhum contratempo. A angústia de voltar para casa sem a reportagem planejada ronda a vida de todo jornalista. Numa viagem internacional como aquela, que havia custado caro para a empresa, a apreensão é ainda maior. Se houver uma falha ou faltar uma imagem importante, não há como voltar para refazer.

Se perder a chance, perdeu.

Eu, o cinegrafista Gilson Fredy e um casal de jornalistas venezuelanos, que nos ajudava na reportagem, seguíamos sem pronunciar nenhuma palavra. Ironicamente, quatro jornalistas felizes e silenciosos. O único som era o da caminhonete roxa e barulhenta da década de 1990 que carregava muito ferro na estrutura e tinha pouco conforto. Nosso veículo seguia a toda velocidade e com os vidros fechados. Aliás, é difícil ver carro

novo na Venezuela. Nas ruas de asfalto precário, que faziam o Brasil parecer a Europa, a gente quicava no banco de trás. Não havia policiamento. Mas, naquele momento, isso era o que menos se pensava ou, pelo menos, ninguém quis tocar nesse assunto. Nossa missão havia sido cumprida. Com a câmera na mão, Gilson revisava as imagens que havíamos acabado de captar num canteiro de obras fechado na beira do lago de Maracaibo. No local, onde deveria ter sido construída uma imensa ponte ligando as duas margens do lago, só havia dois pilares fincados na água. Fazia tempo que nenhum engenheiro ou operário aparecia por lá. A imensa placa presa ao muro do canteiro anunciava que aquela era a construção da ponte Nigale, a segunda travessia do lago de Maracaibo, e descrevia ainda a data inicial do contrato firmado entre o governo bolivariano da Venezuela e a empreiteira brasileira Odebrecht para a realização da obra: 2008. A obra havia sido iniciada quase dez anos antes da nossa chegada! Segundo o próprio anúncio, a suposta construção fazia parte de um convênio básico de cooperação técnica entre Brasil e Venezuela. A placa no muro da obra então confirmava nossa suspeita: o dinheiro vinha de uma parceria com o Brasil. Era recurso brasileiro em terras venezuelanas. *Eureka!* Era o que faltava para ter certeza que estávamos no caminho certo. Fazia sentido a investigação que apurava o envolvimento de empreiteiras brasileiras em obras inacabadas na Venezuela por meio do BNDES. A apuração estava pronta, e esse era o nosso último dia de viagem.

Já passava das dez da manhã e havia pouco tempo para nosso voo de volta para Caracas, marcado para o meio-dia. Era o tempo de chegar ao hotel, pegar as mochilas, fazer o check-out e seguir para o aeroporto. Nossa passagem pela capital venezuelana também seria rápida: apenas para apanhar as malas maiores que tínhamos deixado no hotel e voltar ao Brasil. Se o planejamento fosse seguido à risca, regressaríamos para casa sãos e salvos. O plano era perfeito e estava dando certo.

Não existe sensação melhor para um jornalista investigativo do que descobrir que a suspeita usada como base para toda a apuração é verdadeira. E mais do que isso: sair ileso de uma investigação perigosa. Depois de dias de imersão total num país hostil para o trabalho jornalístico, a vontade naquele momento era a de comemorar, mas depois de um tempo nessa profissão você descobre que “o jogo só termina quando acaba”. Não sei quem inventou essa frase irônica... Só sei que ela nunca foi tão bem empregada quanto naquele momento.

Enquanto seguíamos com pressa para o hotel, a cerca de 5 quilômetros do local da última gravação, alguns detalhes chamaram nossa atenção: a Venezuela vivia uma crise tão profunda que não havia novas construções, e poucas estavam em andamento. A impressão era a de que, há muito tempo, o país não recebia grandes obras. Os veículos antigos que circulavam com certa dificuldade pelas ruas esburacadas atrasavam nosso trajeto até o hotel. Os táxis em Maracaibo mais pareciam ter saído do filme *Mad Max* ou do desenho dos Flintstones. Havia

muito movimento de carros e pessoas. Era um ambiente de muita pobreza. Olhando pela janela do carro, vida normal. Mas o alto índice de criminalidade no país assustava até quem vinha de uma cidade perigosa como eu.

Faltava pouco para chegar quando o imprevisível aconteceu. Um susto fez o motorista dar uma freada brusca. Uma guinada forte para a esquerda e o som da batida da roda da caminhonete no meio-fio quebraram a tranquilidade no carro. A cena vista do banco de trás parecia a de um filme de ação: o som da freada dos pneus em alta velocidade chamou a atenção dos pedestres, e a caminhonete foi fechada por quatro veículos de passeio no meio da rua. O primeiro era um sedã preto com vidros escuros que impedia nossa passagem pela frente. Ao lado direito, um esportivo e uma caminhonete, e um último carro *hatch* preto estacionou atrás para impedir a fuga. Mais de dez homens com roupas comuns desceram dos carros armados com pistolas e fuzis, um deles com uma submetralhadora pendurada no pescoço. Eram intimidadores, preparados para a guerra.

Foi tudo muito rápido. Gilson olhou para trás e viu um giroscópio (aquele objeto luminoso que fica em cima dos carros da polícia) mas não comentou. Eu não percebi e talvez por isso tenha achado que se tratava de um roubo ou algo parecido. As notícias de crimes na Venezuela, como assaltos e latrocínios, só cresciam desde que pisáramos no país, e àquela altura era inevitável pensar que nós seríamos os próximos. A primeira e única coisa em que se pensa nessa hora é na morte. Eu sempre imaginei que, se um

dia isso acontecesse, eu teria sangue-frio para resolver a situação. Afinal, tinha passado quase dezesseis anos como repórter no Rio de Janeiro. Mas, na hora H, a banda toca diferente. Nada de choro ou grito. Apenas pernas tremendo. Muito.

Geralmente bem mais calmo do que eu, Gilson estava sentado também no banco de trás, no lado do motorista, e parecia congelado. Ele já desconfiava que poderiam ser policiais, mas nem piscava. Segurava a câmera em uma das mãos e, com a outra, agarrava o encosto do banco da frente. Claramente, não sabia o que fazer. Nem eu. Nessa hora, você esquece tudo o que aprendeu.

O silêncio dentro do carro só foi quebrado pelo motorista, um jornalista venezuelano com pouca experiência em reportagens investigativas desse porte, de nome Jesús (coincidência ou não, ele estava do nosso lado): “Por favor, ninguém fala nada. Ninguém abre a boca”, disse em espanhol. Nessa hora, não me ocorreu nada a fazer a não ser pedir baixinho ao Gilson para retirar o cartão de memória da câmera bem devagar. A câmera com todo o arquivo digital que capturamos durante a viagem é semelhante à que se usa em festas e casamentos no Brasil: pequena, para não chamar muita atenção, e com boa resolução, para exibir um material de qualidade num jornal de rede nacional como o *Jornal da Record*. Era ideal para o tipo de reportagem que tínhamos ido fazer e poderia até passar despercebida pelos “assaltantes”, mas eu precisava salvar o material registrado durante aquela semana de viagem. Imagens, entrevistas e minhas participações na reportagem eram fundamentais

para comprovar a denúncia. E, cá entre nós, depois de horas e horas de gravações tensas e intensas, eu não podia perder todo o trabalho. O cartão de memória era o bem mais valioso naquele momento, depois da nossa vida. E só me veio à cabeça guardar o cartão comigo mesmo, escondido atrás do meu cartão de crédito, dentro da carteira, no bolso da calça jeans, mas não havia garantias de que ele ficaria escondido por muito tempo...

Descendo de seu carro, um dos homens, armado com um revólver calibre 45 cromado, bateu no vidro, apontou a arma para dentro da caminhonete e perguntou em espanhol: “De onde vocês são? Tem alguém armado?”. O motorista abaixou o vidro e respondeu com a voz trêmula, monossilábico: “Não...”. As perguntas deixavam claro que aquilo não era um assalto. O homem armado terminou a breve abordagem com uma ordem: “Sigam os carros”.

Os veículos arrancaram, sempre dois na frente e dois atrás do nosso. O jornalista venezuelano seguiu o comboio sem falar mais. A namorada dele entrou em pânico e não parava de fazer perguntas com a voz embargada: “O que está acontecendo? Para onde estamos indo? Quem são esses homens? Jesús! Responda!”. Jesús mantinha o silêncio, como um homem em oração.

Era um momento tenso. Gilson e eu estávamos num país desconhecido, longe da família e amigos, sem saber para onde éramos levados. Não conhecíamos ninguém, além do casal que tínhamos encontrado no dia anterior. Os carros seguiram sem parar, correndo por ruas estreitas, sem errar o caminho. Eles sabiam para onde estavam nos levando. Não estávamos mais na direção do hotel.

Dentro do carro, Gilson e eu discutíamos, em português, as alternativas possíveis. Como a comunicação com o casal que sentava no banco da frente era toda feita em espanhol, falar baixo e rápido em português podia dificultar o entendimento deles e mantinha o assunto só entre nós. Nesse momento, começamos a desconfiar de tudo e de todos, inclusive dos dois venezuelanos. O casal, até então, só havia nos ajudado a fazer a reportagem, mas já não sabíamos se Jesús e a namorada tinham envolvimento com o grupo armado ou se eram apenas vítimas como nós. Não era absurdo imaginar que pudessem ter relação com os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que atuavam na Venezuela, com o governo de Nicolás Maduro ou com outros criminosos. Num país em crise, onde as pessoas não têm o que comer, nossa dúvida era até perdoável. O casal também sabia onde Gilson e eu estávamos hospedados e, principalmente, os caminhos que faríamos durante a investigação. Mas, agora, o caminho era outro, desconhecido.

Quando chegamos à cidade de Maracaibo, um dia antes, fomos recebidos no aeroporto pelo casal. Uma mulher bonita, com menos de trinta anos, bem-vestida, e um homem pelo menos dez anos mais velho, que se dizia professor de uma universidade local. Os dois jornalistas venezuelanos conheciam bem a região e tinham sido convencidos pela nossa equipe de produção no Brasil a nos ajudar. A produtora do núcleo de séries especiais do *Jornal da Record* em São Paulo, Rosana Teixeira, havia sido incumbida de produzir a série de

reportagens especiais que, depois, levaria o nome de “A caixa-preta do BNDES”. Além de conseguir marcar as entrevistas na Venezuela por telefone, Rosana descobriu uma maneira de agilizar nosso deslocamento pelo país. Havia a preocupação de conseguir a maior quantidade de material no menor tempo possível, e o contato com jornalistas locais era importante. Os nomes de Jesús e sua namorada Maria surgiram por meio da ONG Transparência Venezuela, dedicada a cobrar do governo de Nicolás Maduro mais transparência nas contas públicas. Tudo indicava que eram pessoas de bem, com o intuito de ajudar... E realmente eram. Mas, num momento crucial como aquele, com nossas vidas em jogo, todos eram suspeitos até que se provasse o contrário.

A cada quilômetro rodado, a tensão aumentava. Dentro do carro, o silêncio ecoava como um grito de socorro. Gilson e eu só conseguíamos pensar em como salvar o que havia sido gravado na câmera principal. A chance de ter o nosso equipamento levado pelo grupo armado era muito grande. Definitivamente, a minha carteira não era o melhor lugar para esconder os cartões de memória, mas não consegui pensar em uma alternativa. Nós já estávamos perdidos em meio a um labirinto de vielas e ruas de terra, e uma tentativa de fuga numa situação como aquela poderia criar um problema ainda maior. O medo e a incerteza só aumentavam. Até então, ninguém tinha ideia do que se tratava nem do que poderia acontecer. A única certeza era de que estávamos cada vez mais longe de casa.